

SITUAÇÕES LIMITES E MOTIVAÇÕES: AMBIGUIDADES E COMPLEXIDADE NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO

Fernanda Priscila Alves da Silva¹

RESUMO

No contexto atual é possível verificar várias formas de exploração e exclusão. Dentre elas, encontra-se a realidade de muitas mulheres que se encontram inseridas em contextos de prostituição. A abordagem aqui quer tratar de mulheres que se inserem no “baixo meretrício”, como se denomina as mulheres que, dentre tantos outros fatores, estão inseridas na prostituição em decorrência de uma realidade social desigual. Esta realidade faz com que muitas mulheres utilizem seus corpos como “instrumentos de trabalho” e sobrevivência. No trabalho de aproximação destas mulheres e seu contexto, depara-se constantemente com o desafio de se realizar um trabalho que tenha como foco principal a ação transformadora de sua realidade. Neste contexto percebe-se que as mulheres trazem muitas situações limites, mas também muitos elementos que as motivam na vida. Neste sentido, a presente discussão quer abordar quais são estas situações limites assim como quais são as motivações destas mulheres. Nesta realidade, se verifica situações de extrema fragilidade humana: mulheres já no limite de seus corpos, marcadas por seguidas violências, droga, álcool, doenças... E então o que fazer diante desta realidade: Como responder as demandas daquelas mulheres que querem reconstruir suas vidas e como responder as demandas daquelas mulheres que já estão no limite de si mesmas?

Palavras-chave: Prostituição, Mulheres, Situação limite, motivações.

INTRODUÇÃO

A prostituição é tida como uma ação ou conduta vista de forma muito complexa durante a história. Ao mesmo tempo em que as pessoas, principalmente mulheres, que se encontram nesta situação não são aceitas pela sociedade, esta mesma sociedade faz “uso” das mesmas chegando muitas vezes a afirmar ser um “mal necessário”.

A presente discussão levará em conta as histórias e os relatos contados pelas mulheres que estão inseridas neste contexto de prostituição. São relatos de história de vida coletados no trabalho dissertativo da autora, aonde as mulheres falam por um lado das situações limites

¹Graduada em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2007) e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Possui experiência de mais de dez anos de atuação com mulheres em situação de prostituição em Belo Horizonte/ MG e Salvador/BA. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade/ PPGEduc UNEB. Email: feracatejo@yahoo.com.br

vivenciadas na prostituição e por outro das motivações, ou seja, daquilo que as motiva na vida, as motiva a seguir buscando alternativas.

METODOLOGIA

No trabalho citado a pesquisa se concretizou da seguinte maneira: a autora realizou uma pesquisa social e conversou com 14 mulheres inseridas em contexto de prostituição, as quais participam do Projeto Força Feminina (PFF), em Salvador/BA, Pastoral da Mulher de Belo Horizonte/MG e uma das entrevistadas participa na Pastoral da Mulher em Juazeiro/BA. Todos estes locais citados têm um trabalho específico com mulheres em situação de prostituição e estão ligados ao Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, que tem como missão este trabalho.

Para obter os resultados da pesquisa de campo, seguimos os seguintes passos: primeiro elaboramos um questionário e o submetemos à aprovação do Comitê de Pesquisa da EST; depois previmos uma média de 30 mulheres a serem entrevistadas, entretanto, durante o desenvolvimento do trabalho verificou-se que número de 14 mulheres era suficiente neste trabalho. Após a seleção das pessoas a serem entrevistadas, elas foram escutadas nos locais que frequentam (espaços da pastoral). A partir daí, a pesquisadora recolheu os dados, fazendo uma análise dos mesmos.

As entrevistas tiveram como objetivo escutar das próprias mulheres suas histórias de vida e, a partir daí, refletir sobre sua realidade. As suas falas, seus movimentos, seus gritos e esperanças permearão todo o trabalho e iluminarão a ação pedagógica. Isso porque toda investigação se inicia por uma questão específica, um problema, uma dúvida. Esta modalidade de pesquisa de campo se baseia em Minayo, quando afirma que “o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social” (MINAYO, 2007, p.61).

A REALIDADE DAS MULHERES EMPOBRECIDAS EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

A realidade destas mulheres tal como de muitas mulheres empobrecidas é desafiante e difícil, mas também marcada pela ousadia e garra, tão presentes na vida das pessoas empobrecidas do mundo.

A prostituição tem adquirido um caráter de massa e se espalha cada vez mais pelo mundo inteiro. A pornografia é um exemplo de como ela se expande. A globalização neoliberal é um fator dominante na decolagem da prostituição e do tráfico de pessoas. Esta dita globalização tem traços específicos conforme nos aponta Boaventura de Souza Santos: ela traz uma economia dominada pelo sistema financeiro e investimento à escala global traz processos de produção flexíveis e multilocais, apresenta uma revolução nas tecnologias de informação e de comunicação, desregulação das economias nacionais além da emergência de três grandes capitalismos transnacionais: o americano, o japonês e o europeu (SANTOS, 2005, p.29).

Falamos aqui de uma sociedade pós moderna e dizer isto é afirmar que nesta sociedade as pessoas são consideradas primariamente como consumidores e não produtores. Esta diferença é fundamental, pois antes a vida era organizada em torno do papel de produtor e isto fazia com que as relações pudessem ser reguladas. A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis- não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referencia para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal- e o céu é o limite (BAUMAN, 2001, p.90).

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpetua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores- ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta- é a transformação dos consumidores em mercadorias (BAUMAN, 2008, p.20).

Os membros da sociedade de consumo são eles próprios mercadorias de consumo. E falando da realidade da prostituição é possível afirmar que os corpos, e principalmente os corpos femininos se tornam mercadorias, mercadorias que chegam a se tornar descartáveis. Atualmente em determinadas regiões, uma jovem de 20 anos é considerada “velha” no exercício da prostituição.

Neste contexto o número de pessoas envolvidas na prostituição tem sido cada vez maior. Segundo Poulin, “a cada ano, cerca de 500 mil mulheres são vítimas do tráfico para fins de prostituição” (FARIA, 2005, p. 41).

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, quase 1 milhão de pessoas são traficadas no mundo anualmente com a finalidade de exploração sexual, sendo que 98% são mulheres. O tráfico chega a movimentar 32 milhões de dólares por ano, sendo apontado como uma das atividades criminosas mais lucrativas (Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, 2008, p. 05).

Em Salvador, BA, no Centro Histórico *Pelourinho* e adjacências, área comercial e ao mesmo tempo turística e residencial, vive uma grande população de baixa renda, assim como muitas mulheres exercendo a prostituição em casarões e hotéis insalubres, sem nenhuma infra-estrutura.

Bares, boates, praças e hotéis são usados pelas mulheres e seus clientes. A falta de infra-estrutura e insegurança expõe as mulheres a altos índices de violência e doenças. No primeiro semestre de 2009, 03 mulheres atendidas pelo Projeto Força Feminina foram assassinadas aumentando a lista de extermínio na cidade. Em pesquisa realizada no segundo semestre de 2007, pelo PFF sob a supervisão do sociólogo José Mauricio Daltro, constatou-se que 16% das mulheres atendidas têm idades abaixo dos 25 anos.

As mulheres em situação de prostituição apresentam baixo grau de escolaridade, vem de famílias pobres, com escassos recursos econômicos, marcados por conflitos familiares, pobreza e fome. Ainda segundo a pesquisa 64% possuem ensino fundamental incompleto e 7% se declararam analfabetas. A questão da geração da renda é importante, pois 57,2% são chefes de família garantindo a sobrevivência de seus filhos e demais familiares através da prostituição. A grande maioria das mulheres, 49%, tem entre 26 e 35 anos.

A maioria das mulheres entrevistadas, cerca de 77%, veio de outras cidades do interior da Bahia e até mesmo de outros estados, sendo citados Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas, Pernambuco e Sergipe. As procedências de cidades do interior baiano têm uma ampla variedade, não sendo possível identificar a predominância de alguma, nem mesmo de regiões; elas vêm de Barreiras, Santo Amaro, Itacaré, Jussari, Euclides da Cunha. Observa-se que a grande maioria sofre violência física e psicológica de seus clientes (55,5%), companheiros/as (13,5%), policiais (17,7%), além de uma violência gerada entre as próprias mulheres (32,3%)².

Além destas realidades vale ressaltar que estas mulheres estão inseridas em um contexto que muitas vezes é denominado como “espaço de marginalidade”. Ao seu redor acontecem várias situações: pequenos furtos, tráfico de drogas, trabalho informal, dentre outras realidades.

Estas facetas da realidade mostram as facetas da realidade de uma forma mais global. É presente em nosso contexto a ideologia neoliberal, assim como políticas neoliberais onde o Estado é mínimo e o mercado também é “livre”, isto significa redução de investimento em políticas sociais. Nesta conjuntura cada vez mais os países do Terceiro mundo são explorados pelos países do Primeiro Mundo. O resultado que se tem é um desemprego estrutural. Tal realidade gera várias situações: trabalho escravo, exploração de crianças, tráfico de mulheres, tráfico de crianças, de trabalhadores/as, transporte em condições subumanas, trabalho sem qualquer proteção, regime de campo de concentração.

Aqui a realidade da prostituição se mistura com a realidade estrutural. Desse modo, as mulheres inseridas neste contexto e das quais se citará através de seus relatos e histórias de vida buscam re.contar suas histórias, re.construir suas vidas, andando, ou melhor lutando contra a Maré, buscando alternativas de vida e melhor qualidade da mesma. Elas contam e recontam suas histórias, falam de situações limites, mas também daquilo que as motiva a viver. É o que iremos abordar no seguinte ponto.

² Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. Um olhar a respeito da prostituição. Salvador, 2008.

SITUAÇÕES LÍMITES E MOTIVAÇÕES: MULHERES CONTANDO E RECONTANDO SUAS HISTÓRIAS

A realidade da prostituição é complexa e ambígua, mas a partir de agora se buscará analisar esta realidade de falas das próprias mulheres. Elas mesmas nos contam seu cotidiano, os desafios, as situações limites vivenciadas e também o que as motiva na vida. Nas falas seguintes foram perguntadas às mulheres quais eram as situações limites vivenciadas por elas. Escutemos:

Teve...Teve quando os home vai pro quarto com a gente que eles não paga, transa, depois sai correndo, a gente como mulher não pode fazer nada, entendeu? E a gente fica muito revoltada, fica muito revoltada mesmo, porque a gente já vai pro quarto na esperança de pegar aquele dinheiro...³

Dentre as várias situações vivenciadas pelas mulheres em situação de prostituição uma que é muito forte é a questão da relação com dinheiro, ou ainda, neste caso, daquilo que se vende e se compra. Muitas vezes os clientes não querem pagar aquilo que foi combinado. Isto se torna um desafio, pois estas mulheres quando, por exemplo, estão em um bar de prostituição como é o caso citado acima, tem que pagar o valor da casa, fazer com que este cliente consuma alguma bebida, isto sem contar os gastos que elas têm com preservativos, objetos de higiene pessoal, toalha, entre outros. Neste caso a mulher expressa ser um desafio quando estes homens não pagam. Outra realidade vivenciada é a questão da violência. A própria mulher assim o expressa:

Eu já tirei na montanha de um homem que deu um tapa na minha cara, quase matei, só não matei porque o dono da casa não deixou. Ontem aconteceu o que comigo dentro de um quarto com homem lá dentro de um brega lá na ladeira da montanha. Aconteceu ontem que eu fui transar com um homem, e ele dizendo que ia me dar R\$25,00, mas eu sou uma mulher sábia, mas sempre a mulher passa para o homem, não sei porque ta frágil, não sei porque, ai ele tava demorando de se realizar comigo, ai eu falei pra ele, olhe se você demorar mais os donos da casa vai cobrar mais caro. Ai ele disse: vamos continuar transando que eu lhe dou R\$50,00, eu digo você tem que me pagar adiantado, mas como ele é cliente das menina eu confiei nele. Ai quando ele terminou de transar comigo ele não tinha R\$1,00 no bolso pra me pagar. Mesmo assim eu tirei o dinheiro do meu bolso e paguei o dono da casa, porque o dono da casa não aceita as mulher tomar calote, no brega se chama calote, tomar calote é não pagar. Ele pensa que o homem deu o dinheiro e a mulher, eu, por exemplo, que tava com o homem, não aceita a mulher, fica xingando a mulher, ai

³ Relatos recolhidos da pesquisa dissertativa da autora. In: SILVA, Fernanda Priscila Alves. Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social; orientador Rodolfo Gaede Neto – São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

começa a baixaria, mandando ir tomar... , mandando ir me fuder, me chamando de puta, dizendo que vai me botar da casa dele pra fora. Então eu preferi tirar o meu dinheiro do meu bolso e pagar ao dono da casa.

São várias as situações de violência que as mulheres estão expostas neste contexto: o não pagamento do programa, a violência verbal, física, moral, firmando uma idéia de que o homem é superior. A mulher aqui afirma que muitas vezes a mulher é vista como frágil, mas por outro lado ela mesma se reconhecesse como sábia, um dado muito importante na presente reflexão, pois nos aponta que estas mulheres também se reconhecem como pessoas capazes e passíveis de mudança de suas realidades.

Segundo Pletsch (2004), a violência pode ser entendida como toda ação que agride, subjuga e reduz a mulher. Tal realidade pode ser física, psíquica, social, religiosa, simbólica, enfim a violência é todo ato que diminui e reduz as possibilidades de vida das mulheres.

Esta questão da violência é séria e complexa, como nos diz Ivoni Reimer. O racismo, sexismo, e classismo são formas diferenciadas de violência, mas todas elas se baseiam no paradigma patriarcal de que o diferente tem menos valor.

A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), em uma revisão sobre os estudos populacionais realizados em vários países, constatou que entre 10 a 69% das mulheres mencionaram ter sido agredida por seus companheiros pelo menos uma vez na vida. [...] A violência é um dos métodos mais efetivos para controlar as mulheres, uma das formas mais generalizadas de exercício do poder masculino, uma das formas mais generalizadas de exercício do poder masculino e o elemento central da dominação de gênero, afirmou Montserrat Sagot em 2008. A legitimação e perpetração das violências de gênero tem sido possível graças à ideologia patriarcal que perpassa as instituições sociais e naturaliza a posição subalterna das mulheres, crianças e homens que exercem sexualidade não hegemônicas (MENEGHEL, 2009, p. 15).

Na discussão da questão da violência neste contexto, um dado importante é a violência de gênero, conforme esta mulher nos conta.

Eu já recebi uma vez um tipo de violência que foi quando o homem enfiou a mão na minha cara, quando eu tava fazendo salão, por uma grande bobagem porque eu tava no salão fazendo a vida, ai eu perguntei: Fátima já ta na hora de eu ir pra casa, ai porque tava chovendo muito e eu disse eu to com frio ai eu vou pra casa, ai o homem disse assim: tome no ... que o frio passa ai eu revidei pra ele assim: vá tomar

você. Ai ele firmou a mão no meu rosto. Ai eu cai e quebrei a sola do sapato... ai como eu não aceitei aquele tipo de agressão ai eu parti pra cima dele.⁴

A violência de gênero é um problema social que afeta grandes contingentes populacionais, especialmente as mulheres e suas famílias. Na década de 1990, esse tipo de violência foi reconhecido como um problema de saúde pública pela Organização Mundial de saúde que o considera um obstáculo para o desenvolvimento socioeconômico e uma violação dos direitos humanos. Trabalhar então com a perspectiva de gênero significa o entendimento de que a violência decorre de relações entre homens e mulheres na sociedade e não se deve a doenças, problemas mentais, álcool/drogas ou características inatas às pessoas. Significa romper com a psicopatologização atribuída aos agressores ou às vítimas e como caráter de excepcionalidade que infantiliza e retira a capacidade de resposta das/os sobreviventes (MENEGHEL, 2009, p. 14). Vale ressaltar, no entanto, que:

Nos últimos anos houve um avanço considerável na atenção à violência contra as mulheres, principalmente após as várias convenções e encontros focados nesta problemática. Desde a I Conferência Mundial da Mulher, na cidade do México em 1975, passando pela aprovação da Assembleia Geral das Nações Unidas da Convenção pela eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, em 1979, vários outros encontros e conferências pontuaram a necessidade de formular políticas e programas de atenção a vítimas da violência de gênero. Conferências internacionais aconteceram nos anos 1980, 1985 e 1995. A Convenção Intramericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, também conhecida como Convenção de Belém do Pará, aconteceu no Brasil, em 1994. As conferências foram de extrema importância para que a violência contra as mulheres deixasse de ser um assunto do âmbito privado e fosse entendida como um problema público, sobre o qual os Estados devem assumir responsabilidades (MENEGHEL, 2009, p. 17).

Além da violência vivenciada pelas mulheres, outro elemento presente são as drogas, bebidas. Assim, muitas vezes a realidade da prostituição é confundida com espaços de marginalidade.

Foi que um cara saiu comigo e partiu a minha orelha... e eu quero me livrar também da cachaça. Quando eu fumo droga eu bebo cachaça e todos os tipo de bebida... e eu não era assim.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Projeto Força Feminina, 56% das mulheres apontam o álcool como a droga mais utilizada, o cigarro também é amplamente consumido

⁴ Relatos recolhidos da pesquisa dissertativa da autora. In: SILVA, Fernanda Priscila Alves. Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social; orientador Rodolfo Gaede Neto – São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

com 43%, seguido da maconha com 32%, crack 15% e cocaína 10%. Percebe-se ainda, neste contexto, um grande desgaste físico dada a vulnerabilidade a que as mulheres se encontram expostas. O cuidado com o corpo é uma demanda apresentada pelas mulheres.

Além deste elemento aparece ainda a questão da religiosidade das mulheres.

Teve... aqui na Bahia tem esse negócio de macumba, a gente que não acredita, mas olho grande, coisa ruim acontece. As mulheres botava meu nome, depois eu ficava assim, aí tinha uma mulher ali dentro do pelourinho e eu ia lá. Na Bahia tem isso, era alguma coisa que elas fazia pra eu não ganhar dinheiro... Tem uma fase, diz que mulher da vida tem uma fase, quando a pomba gira abre e fecha, assim dizem né, mulher da vida... é fase ...quando eu fui pra Belo Horizonte eu pegava 30 homem por dia, a gente fica toda machucada, isso não é vida de gente, por isso que eu me acabei entendeu? Se eu não fosse mulher que faz exame todo ano e olha que peguei todo tipo de doença, todo tipo, isso não é vida, pegar todo tipo de homem, eu não desejo isso pra ninguém.

Segundo o relato acima se tem tanto notícias referentes à questão da saúde quanto a questão de um certo “trabalho” que é feito contra as próprias mulheres e que por isso faz com que elas estejam na situação que está. O elemento da religiosidade destas mulheres não pode ser deixado de lado, pois segundo a pesquisa feita pelo projeto Força Feminina 84% das mulheres disseram acreditar em Deus.

A dimensão da religiosidade assim como da espiritualidade traz estes elementos presentes no imaginário das mulheres, mas também apontam questões importantes, pois a partir daí é possível verificar ainda o que motiva estas mulheres a continuar vivendo. A motivação, a busca por outras alternativas são forças impulsionadoras na vida destas mulheres. Assim relata uma delas:

Eu...o que me motiva continuar vivendo? Tem! Tem que eu quero sair da vida que eu estou envelhecendo, eu tô envelhecendo, tô me acabando ali na ladeira da montanha e a vida da prostituição não ta dando dinheiro entendeu? Pra continuar sobrevivendo. Eu to vivendo na Ladeira da Montanha, todas elas, não é só eu não, todas as prostitutas da Ladeira da Montanha ta vivendo de teimosa que é porque aquilo já acabou. Ali só tem ladrão, o que não presta, sarcizeiro ta tomando conta da Ladeira da Montanha.

Além de reconhecer que “aquilo já acabou”, a mulher reconhece que quer continuar vivendo, continuar buscando. Outra mulher afirma:

Trabalhar... Ser guerreira pra criar minha filha... lutar por ela. Já passei muitas dificuldades, mas eu agradeço a Deus porque eu não passo mais as dificuldade que eu passava não.⁵

A vida dos filhos e filhas tem sido muitas vezes o grande motivador da vida destas mulheres. Buscar outras alternativas, lutar pela vida deles tem impulsionado estas mulheres no caminhar de suas vidas.

As motivações presente na vida destas mulheres tem possibilitado reconhecer alguns aspectos interessantes, tais como:

A) Mulheres tomam a palavra: ou seja, mulheres se tornam sujeitos, e sujeitos questionantes e dialogantes. Segundo Aquino,

Parte fundamental deste processo é a apropriação da palavra de forma consciente e coerente, com delicadeza e firmeza... com determinação e persuasão. Se a possibilidade de falar e de expressar-se faz parte de uma lógica negadora da barbárie e da desumanidade dos pobres, isto é especialmente certo para as mulheres. A falta de reconhecimento como sujeitos de pleno direito converte-se numa motivação para dar nome à sua própria humanidade no trabalho teológico (AQUINO, 1996, p. 216).

É fundamental que as mulheres neste processo falem, tomem a palavra no sentido propositivo do termo, que elas falem de suas histórias, que elas tomem decisões como dizia Freire. Neste sentido falar de suas motivações para além das situações limite é reconhecer sua capacidade de tomar a palavra, ou ainda tomar a própria historia nas mãos.

As mulheres, em sua busca por afirmação, muitas vezes sublinharam os princípios de igualdade, participação e reciprocidade. Palavras como parceria, comunidade e união são centrais nas conversas de mulheres. À medida que falam umas com as outras, começamos a descobrir que nossas experiências individuais de discriminação, desvalorização, abuso e distorção não se limitavam a determinadas mulheres, mas eram efetivamente universais em toda parte e em todas as gerações (SUSIN, 2006, p. 259)

Esta capacidade de tomar a palavra se expressa muitas vezes na capacidade que estas mulheres têm de se reconhecer e de sonhar, buscar alternativas, capacidade de “martelar, martelar”, de não desistir, como expressa Sueli:

Eu acho que eu sou uma pessoa positiva sabe, muito batalhadeira, não desisto de meus sonhos, às vezes eu não realizo logo, mas eu fico com aquilo martelando, martelando até conseguir, eu não desisto fácil não, eu tenho muita esperança e força

⁵Relatos recolhidos da pesquisa dissertativa da autora. In: SILVA, Fernanda Priscila Alves. Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social; orientador Rodolfo Gaede Neto – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

de vontade e parece que cada vez mais eu tô ficando idosa é que isso tá parecendo impossível, ave maria, quando eu quero fazer uma coisa, ou eu faço, ou eu morro...

Tomar a palavra e assumir posturas de quem deseja transformar seu entorno:

Eu sou S., não sabia ler, não sabia escrever e ficava perambulando... fui convidada por duas colega pra vir aqui no projeto ...aqui é minha segunda casa. Eu não sabia nem pegar em um computador, hoje já sei, nem caneta, nem ônibus... Hoje sei o que é sociedade, sei reconhecer muitas coisas, reconheço meus direitos e agora vamos pra frente.

B) Mulheres reconhecem sua força na luta pela vida

A capacidade de sonhar demonstra que as mulheres continuam lutando. Para Freire, esta capacidade de sonhar não é apenas um ato político necessário, mas tem uma conotação histórico-social.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminarem por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p. 91).

Falar das motivações é falar dos sonhos. Assim nos conta esta mulher:

Meu sonho é ter minha casa própria e trabalhar pra mim, e ver isso aqui é meu, eu tô trabalhando aqui com minhas mãos, lutando, meu sonho é esse, não quero luxo, não quero vaidade, não, não quero uma casa cheia de som, tanto que nem geladeira eu tenho em casa porque a minha queimou e eu nunca mais tive condição de comprar, se eu tivesse na batalha como eu tava antigamente eu já tinha comprado, mas eu não quero mais.

O sonho se concretiza através das lutas cotidianas, no entanto com frequência tem-se a tendência de menosprezar as lutas que as mulheres dos setores populares estabelecem. As lutas cotidianas pela sobrevivência são vistas como práticas de pouca ou nula eficácia histórica. Ao contrário, é necessário reivindicar para a proposta libertadora toda forma de luta pela vida criada pelas mulheres, porque, em si mesmas, manifestam a ineficácia do sistema capitalista em prover as necessidades vitais dos pobres (AQUINO, 1996, p. 56).

C) Mulheres com capacidade de resistência

As mulheres têm demonstrado uma grande capacidade de resistência. Tal resistência pode ser comparada à resiliência, ou seja, estamos falando de mulheres resilientes, mulheres

com capacidade de se desenvolverem, de se projetarem, de irem para frente, superando desafios e reconstruindo suas histórias.

A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora (HOCH, 2007, p. 10).

Uma das mulheres assim expressa:

Quando o sofrimento tá muito grande, a gente pensa que não vai aguentar... aí nessa hora a lágrima cai mesmo. Na verdade, a gente tem que matar um leão por dia e ainda tem que enfrentar os olhares de discriminação da sociedade, mas nós somos mulher como qualquer outra e apesar do sofrimento que eu tenho hoje eu não me sinto derrotada.

A resistência, ou resiliência, é esta capacidade de enfrentar, vencer e sair fortalecida/o mesmo em situações adversas. Daí que as pessoas aprendem com suas próprias experiências e a partir de então se transformam e podem transformar seu entorno. Esta resistência demonstra a capacidade de reinvenção da vida, capacidade de recomeçar, de alçar e buscar alternativas.

Resistir tem sido o verbo mais característico das pessoas do sexo feminino, que melhor representam os injustiçados no âmbito das religiões. As mulheres ocupam uma posição ideológica indigna na maioria das instituições, mas são elas que mantêm a assistência aos cultos e ritos (FELIX, 2009, p.42).

Esta capacidade de resistência ainda é visualizada quando as mulheres que tomam a palavra falam das violências sofridas e assim denunciam, rasgando o véu. É o basta. O grito pelo fim da violência.

D) Mulheres desenvolvendo a criatividade, solidariedade e liberdade

A capacidade de transformação da realidade se visualiza em um movimento de desenvolvimento da criatividade, da solidariedade e liberdade. Esta transformação se expressa na constante busca, no constante movimento de aprender a aprender, de criar e recriar no cotidiano.

E) Mulheres aprendem com a própria história: mulheres aprendentes

As mulheres são mulheres aprendentes, pois constantemente visualizam coisas novas. Isto expressa processo de escolha. Brandão vai falar em “vocação de escolhas” e isto implica em escolha de sujeitos, de modos a desenvolver o processo educativo. Nesse sentido o método

não precisa necessariamente ser um só, mas pode ser modificados à medida que as escolhas são re-significadas. À medida que as mulheres vão redescobrimo a si mesmas e aos outros. Assim,

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender. E mais: é preciso tempo para aprender e para sedimentar informação. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém (GADOTTI, 2008, p.52).

Neste processo com mulheres em situação de prostituição quando se pensa em um processo pedagógico de construção da própria história é importante verificar em que momentos são feitas e re-feitas escolhas. Tais escolhas partem do cotidiano da vida e das perguntas que ai se estabelece, e assim tal percepção demonstra como estas mulheres aprendem com a própria história.

F) Mulheres desconstruindo, construindo e reconstruindo caminhos

Neste processo as mulheres, desde a proposta pedagógica libertadora, marcada pelo cuidado, mas que é também desde uma perspectiva feminista, possibilita o resgate da história, a visualização das experiências das mulheres em diferentes contextos, permite repensar os métodos tradicionais de propostas pedagógicas além de indicar possibilidades de caminhos.

Neste caminhar o processo de desconstrução de conceitos, desde uma hermenêutica da suspeita, muito marcada pela curiosidade possibilita processos de crítica e também de formação. A desconstrução aponta a um processo de reconstrução aonde o resgate da participação das mulheres é fundamental. Neste processo, uma hermenêutica da reconstrução é, pois uma hermenêutica da memória, ou seja, permite olhar as marcas e sofrimentos do caminho, mas também as lutas, conquistas e libertação. A partir daí, surge à novidade que é processo de construção de uma nova história de mulheres (NEUENFELDT, 2008, p. 08-09).

G) Mulheres com visão de mundo esperançosa

Segundo Freire o pensamento é complexo, ou seja, não basta pensar ingenuamente. Entretanto, tal pensamento é além de critico esperançoso, pois não se fecha diante das condições históricas que muitas vezes desumanizam. No caso das mulheres em situação de prostituição, perceber esta capacidade de manter a esperança contra toda a desesperança é um sinal e uma pista para verificar que o processo esta se concretizando. Segundo Zitkoski,

A visão de mundo que reforça o valor do sonho e da utopia numa perspectiva da história como possibilidade é coerente com a forma de pensar a Educação Popular como um caminho para a emancipação dos oprimidos. A denúncia dos fatalismos nos impulsiona para ver a condição humana do mundo segundo outro modo de pensar a existência humana (SCHINELO, 2010, p.35).

Reconhecer então mulheres com uma visão de mundo esperançosa, superando a cada dia os desafios presentes na realidade e ainda sim mantendo a esperança é primordial neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AQUINO, P.M. **Nosso clamor pela vida:** Teologia Latino-americana a partir da perspectiva da mulher. São Paulo: Paulinas, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução de Carlo Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. **Um olhar a respeito da prostituição.** Salvador, 2008.

FARIA, Nalu (org.). SOF Sempre viva Organização Feminista. Desafios do livre mercado para o feminismo. In: POULIN, Richard. **Quinze teses sobre o capitalismo e o sistema mundial de prostituição.** São Paulo: SOF, 2005.

FELIX, Isabel Aparecida (org.). **Teologias com sabor de mangostão:** Ensaios em homenagem a Lieve Troch. In: RODRIGUES, X.F.F. **Para uma teologia do dia a dia:** ouvindo vozes que ainda não foram ouvidas. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho:** ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). 26 ed. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MENEGHEL, N.S (org.). **Rotas críticas II:** ferramentas para trabalhar com a violência de gênero. Santa Cruz do Sul: EDUCNISC, 2009.

NEUENFELDT, G. E. **Nossos caminhos e nossas opções metodológicas:** ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero Lucas 11, 27-28. In: STROHER, Marga. Caminhos hermenêuticos. São Leopoldo: Cebi, 2008.



Direitos Humanos, Ética e Dignidade

18 a 24 de outubro de 2015

Plano Nacional de enfrentamento ao Tráfico de pessoas. Secretária Nacional da Justiça. Brasília: SNJ, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. (Org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Fernanda Priscila Alves. **Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social**; orientador Rodolfo Gaede Neto – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

SUSIN, C.L (org.). Teologia para um outro mundo possível. *In*: KANYORO, Musimbi. **A forma de Deus por vir e o futuro da humanidade**. São Paulo: Paulinas, 2006.